



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 8 de Dezembro de 1984 \* Ano XXI — N.º 1063 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Cantinho dos Rapazes

Naturalmente que os três artigos recém-publicados sob o título APRENDIZAGEM foram escritos com o pensamento em vós, muito a partir de vós.

Contudo, não queria encerrar o tema sem e reflectir expressamente convosco, no intuito de todos nos responsabilizarmos mais por este tempo de formação que vocês passam em nossas Casas, o qual, se o desperdiçardes, vos trará com certeza muitos amargos de boca em dias futuros que não demoram a chegar.

Numa estatística que já referi, a percentagem maior do desemprego entre os jovens afecta os que, como habilitação escolar, possuem apenas a instrução primária. Com o aumento da escolaridade (para já obrigatória de seis anos), a tendência é que esta percentagem

cresça em relação aos que têm habilitações de nível secundário — o que significa que quem está aquém desse nível tem cada vez menos oportunidades de emprego.

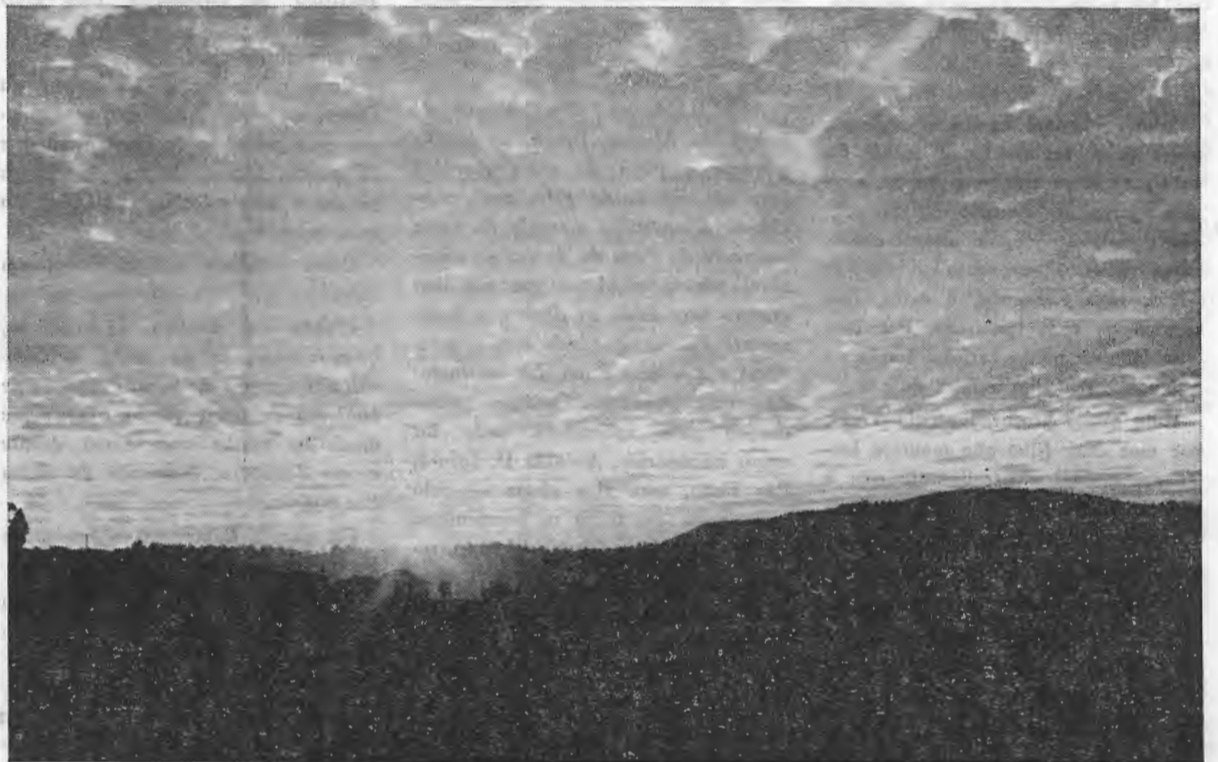
Até mesmo quanto à sucessão de estudos, isso já acontece, por exemplo: nas Escolas de Enfermagem, onde candidatos com o grau requerido não têm hipótese de entrar porque aparecem outros com grau superior e em número de sobra para as vagas existentes.

Portanto que nenhum se deixe iludir pelo juízo leviano de que afinal não vale a pena agarrar-se aos livros porquanto os que se agarram também têm dificuldade de singrar. Pois se estes têm, quanto mais os que se não agarram!

Outra tentação é a pressa de um emprego. Ora um dos males que complicam o problema do desemprego em Portugal é a concorrência ao mercado de trabalho de crianças e jovens em idades que em outros países mais evoluídos são obrigatoriamente de formação.

Só para vos dar ideia deste desequilíbrio, cito estes números estatísticos: 28,1% é a parte dos jovens entre os 10 e os 24 anos na totalidade da nossa população trabalhadora; e 11,5% a taxa de actividade referente a adolescentes com menos de 14 anos. Quer dizer: Se os perto de 100.000 destes que se declaram activos e parte dos cerca de 500.000 com idade entre os 15 e os 19 anos, deixassem de congestionar o mercado do trabalho, logo o desemprego em Portugal se reduziria consideravelmente. E isso não significaria que ficavam inactivos desde que justamente se empenhassem na formação cultural e profissional que lhes é devida, em ordem a uma entrada no mundo do trabalho em idade mais adequada e com uma preparação a sério.

É esta a intenção profunda do decreto-lei que tenho vindo a divulgar: «Ao estender a escolaridade a grupos de idade mais avançada, os sistemas de educação assumem em larga medida a responsabilidade pela criação de vias profissionais, pela adequação do ensino às



Acordemos! Para além das dunas... fica a nossa Pátria. Uma nova terra. A visão do Senhor na Eternidade!

# ADVENTO

■ O Senhor vem! Acordemos do sono.

Não sabemos como terá sido o julgamento «final» dos fariseus do tempo de Jesus. Sabemos, sim, que eles enterraram o «talento» e o entregaram, orgulhosos, ao Senhor. Cumpriram a Lei e pagaram o dízimo... Só mais a cova no horto para o guardar dos ladrões.

Vemos claro a atitude dos fariseus. Não pensamos, talvez, que é fácil para nós o cairmos no mesmo buraco...: Missa ao domingo, Terço, não roubar nem matar... Consciência tranquila.

A educação cristã da família? A preocupação dos Outros? O testemunhar Cristo, sem medo, com o exemplo e a palavra? Dar um filho ao Seminário? O nosso supérfluo?

exigências da profissão, por acções vastas e programadas de orientação e informação profissional».

O que podemos esperar, a a breve ou médio prazo, desta intenção do legislador, não sei. Mas o problema é nosso, é vosso! Não podemos perder a esperança e temos de fazer por nós o que estiver ao nosso al-

Cont. na 4.ª pág.

E nós Pastores?: A dor da ovelha perdida? Só a preocupação do Reino? Acordemos! «É este o tempo favorável; este é o dia da Salvação.» (2.ª Cor. 6-2).

O Senhor vem!  
A tenda e sandálias!  
Aqui é o deserto!  
Para além das dunas... fica a nossa Pátria. Uma nova terra. A visão do Senhor na Eternidade!

■ Tempo de Boa Nova!  
Muito urgente mesmo — o proclamar bem alto que só o Senhor é; e vem sempre a caminho do nosso coração.

Bem nos altos montes, para que esta voz chegue aos lugares mais baixos.

Não as grandes fábricas, que ficarão ultrapassadas; não as grandes naves, pois, no tempo, ficarão inúteis; nem os ditadores e partidos que têm pés de barro; nem o próprio sol, pois virá o seu fim.

Só Ele!  
Só Deus permanecerá para sempre! E nós, Seus filhos!

É tão urgente nós, os cristãos, darmos aos homens — e uns aos outros — esta novidade maravilhosa!

«Sobe a um alto monte; grita com voz forte, sem receio: — Aqui está o vosso Deus! Olhal,

o Senhor Deus vem com fortaleza.» (Is. 40, 9-10)

■ E tempo de Alegria!  
Pela nossa renovação interior e conversão ao Senhor Deus chegaremos à Alegria. Aquela Alegria que se alimenta da Esperança, da Graça e da certeza da presença do Senhor no meio de nós. Andamos demasiado tristes e sobrecarregados por termos perdido o sentido cristão da Esperança. Talvez, também — devido à nossa vida afadigada, tantas vezes dolorosa — por nos termos esquecido da presença do Senhor entre nós. Embora não vejamos o Seu rosto, está e cuida das flores do campo..., quanto mais de nós, Seus filhos!

Nunca daremos testemunho, como cristãos, se não formos os homens da Alegria e da Esperança.

Pode acontecer que uma das causas da nossa tristeza seja a procura demasiada de nós próprios (os nossos bens, fama, gozo, sofrimento e pecados). Então, alarguemos o nosso coração aos Outros — até à partilha do amor e dos bens. E coloquemos bem na linha de Eternidade o nosso programa de vida.

O Senhor vem, está e é por todo o sempre.

Padre Telmo

## AQUI, LISBOA!

«O GAIATO não tem categoria para dar opiniões, mas a experiência ensina que, sempre que o Estado chama a si a administração directa de Empresas, temos desastre à vista.»

Temos que nos preocupar com os acontecimentos do dia-a-dia, sejam eles de que natureza forem, sobretudo se põem em causa o fim último dos homens e o seu peregrinar neste Mundo em condições de dignidade para a sua plena realização. Temos que nos alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram, como diria S. Paulo. Daí que devamos estar atentos a tudo e em permanente atitude de reflexão, imprimindo à nossa vida um sentido dinâmico de conversão

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma camponesa, viúva, que ficara com cinco filhos nos braços — sem horizontes a curto prazo.

Não deixou o chaile, o lenço mai-las socos; e noutra perspectiva, tudo quanto há de bom — em proveito das novas gerações.

Em tempos, ajudámos a família; suprimos algumas carências urgentes, até a pobre mulher topa melhor futuro para si, para os seus, pois na alma dela jazia a vontade de promoção social: Tomou, de arrendamento, umas leiritas, enquanto criava os filhos, algo *esmagada*, é certo, mas sempre de cara levantada. Por isso, eles dedicam muito carinho à mãe — que soube remediar a falta do pai.

Hoje somos procurados pela Viúva, por mor dum filho que moureja longe em trabalhos pesados, já que a dureza da vida, a sua promoção profissional, lhe abriram os olhos e o estimularam a terminar o Ensino Básico.

Conhecemos a permanente tragédia que sofrem tantos analfabetos! Para nossa desgraça temos uma das maiores percentagens de analfabetismo — segundo as estatísticas europeias. Pois este encontro foi mais uma luz acesa! Não vamos adiantar muito sobre o diagnóstico da situação, no meio rural, onde, por tradição, há várias condicionantes — imperaram vários factores. No entanto, face à evolução tecnológica, a verdade é que os povos já começam a sentir, na pele, a necessidade de um mínimo de cultura para poderem corresponder à *mudança*.

● Outra Viúva! Levantou a sua casinha, há mais de um ano, com extraordinário sacrifício, no extremo dum montado, à beira do caminho, com os mínimos indispensáveis — até no que se refere à parte urbanística. O terreno foi cedido por alguém — não importa agora como — que sabia das necessidades concretas desta gente, cuja moradia subiu pelas mãos de familiares e amigos. Meses de sacrifícios sem conta! Não tinham mais para onde ir, a não ser que erguessem uma barraca numa *horda* qualquer...! É sempre melhor, porém, uma moradia decente, acolhedora — lugar ideal para a família.

— *A minha casa é clandestina... Se não meter os papéis... — dizem — são capazes de m'a botar abaixo. P'ra onde é q'a gente iria... se não temos outro poiso!?*

— Procure saber as *voltas* necessárias para regularizar a moradia e ajudaremos na medida do possível.

Não somos apologistas da construção clandestina. Mas no caso vertente — noutros idênticos pelo País fora — a verdade é que os Pobres *pisam o risco* porque não se atende às suas dificuldades, às suas potencialidades. Há um *nevoeiro* histórico, seja na informação ou nos apoios consignados na Lei — no espírito da Lei — e uma excessiva carga burocrática, etc. Não fosse esta realidade, tudo seria diferente e menor o déficit habitacional, nos meios rurais. Pois se gente de poucos teres passa

um verdadeiro calvário para levantar uma casa, que dizer dos Pobres mais pobres — sem apoios de ninguém!?

Nestes casos muito específicos, por carências inadiáveis, em que se não macula o ordenamento do território — acentuamos — e os Pobres resolvem os seus problemas à margem da legislação vigente — e suprem omissões oficiais... — somos de opinião que bastaria eles registarem o edifício na matriz predial — para os devidos efeitos.

PARTELHA — Um cheque do Bairro da Alegria, Braga, *«a fim de sufragar a alma de entes queridos, para ser distribuído pelos mais carecidos»*. A *«partilha mensal»* de uma assinante de Paço de Arcos — admirável perseverança! — que nos diz: *«Cristo bem sabia ao dizer que havia sempre Pobres, que nós somos pecadores e que esse é um dos resultados do nosso pecado»*. Cardigos, outro cheque para aplicarmos onde for *«mais necessário»*. Avenida D. João I, Rio Tinto, uma rica oferta — pelo amor posto em todos os pormenores. Rua da República Peruana, Lisboa, remanescente de contas com O GAIATO. Presenças habituais da assinante 19177, do Porto. *«Em sufrágio da alma de Germano»*, 500\$00. Num discrição sobrescrito, 1.000\$00 entregues no Espelho da Moda. *«Uma lisboeta»* mandou um cheque (que se extraviou) e vai renová-lo. Agora é a assinante n.º 113, do Porto, com 5.000\$00 *«para o caso mais urgente neste momento»*, sublinhando que O GAIATO *«é um verdadeiro despertador»*. Uma Professora, de Lisboa, que *«apesar de estar quase a fazer setenta e um anos»* ainda trabalha — de que maneira! — manda *«dois mil»* para os Pobres numa carta cheia de Amizade. Rua Clemente Menéres, Porto, 170\$00. Assinante 31782, de Escalhão, 2.000\$00. Metade da Rua do Poço — Chaves. Assinante 31104, de Lisboa: *«Por razões puramente espirituais desejava que a importância que remeti em vale (vultosa quantia) pudesse sanar uma dificuldade não remediada. Que pudesse ser «o sarar duma ferida» — sonho que eu não consegui na minha vida»*. Afirmações tão íntimas — como se fossem ditas no Céu! O costume de Baguim — Rio Tinto. Da Parede, *«uma pequena ajuda para os mais necessitados»* e um pedido de *«orações pelas minhas intenções»*. Lisboa, Rua Bartolomeu Dias: *«A caminho dos meus 86 anos e com o meu espírito vivo, venho mais uma vez dar um passeio até vós com um cheque para uma necessidade da Conferência... Todos os meses espero dar um passeio até vós...»* Que rico passear — no amor aos Outros, aos Pobres mais pobres!

«Uma Amiga» do Porto com 1.000\$ para *«a conta do electricista»* que executou as instalações eléctricas das moradias do Património dos Pobres, em Paço de Sousa. Foram dezenas de contos. As obras não têm parado! Agora, telhámos mais uma que servirá de ninho a um velho casal de trabalhadores agrícolas, já que, por estas bandas, não há, por ora, *habitação social*. Não fosse o Património dos Pobres, que seria!?

A presença de um Manuel, de Braga, tem sempre por objectivo as Viúvas. Testemunha, inclusive, rosários

do dia-a-dia no nosso País, onde continuam algo *marginalizadas*...

Por fim, os que se interessam pela Cancerosa. Assinante 4597, de Paço de Arcos:

*«Chegou a chuva, o frio, o Inverno...»*

*Nem só no corpo se sente o rigor do tempo, também no espírito a tristeza, a solidão e a saudade dos que partiram se implantam com mais firmeza...*

*Tanto sofrimento!*

*Para minimizar o sofrimento da Cancerosa — no Natal que se aproxima — e por alma de Bartolomeu que já partiu, vítima da mesma doença — junto esta migalha (2.500\$00) do meu subsídio de Natal.»*

Outra presença amiga, da mesma terra:

*«Junto um cheque de 1.600\$00, quantia recebida da ADSE de consultas e exames médicos. Peço que se lembrem de mim, que o Senhor me ajude na minha cruz. Estou doente e em desespero. Necessito de muita Paz espiritual.»*

Foi para a Cancerosa — luzeiro de Fé que pede a Deus por todos.

E mais uma carta do Barreiro com sugestões oportunas e um generoso donativo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

MAGUSTO — Como é habitual, na nossa Casa, faz-se todos os anos o Magusto. Foi agora, no dia 1 de Dezembro, um pouco mais tarde devido ao mau tempo e também à falta de castanhas.

Mas, nem por isso calhou mal. Era dia feriado. Fizemos os preparativos para que fosse uma festa alegre e para sentirmos ainda mais o calor das castanhas nas nossas mãos.

Agradecemos ao Senhor este dia de festa.

CARAS NOVAS — Chegaram mais seis: o Luís Filipe, 7 anos, de Armamar; o Delfim António, 8 anos, do Porto; o Bento Manuel que já tem por apelido o «Frigues», de 12 anos, e é de Santo Eulália (Vizela); o Luís Manuel, 13 anos, de Torres Novas; o Carlos Jorge, 11 anos, de Angola; e o Jorge Manuel, 12 anos, do Porto. Estas seis carinhas novas habitam em nossa Casa há pouco mais de um mês.

Faremos os possíveis para que sejam bons rapazes. E, assim, um dia, servirão, inclusive, outros irmãos nas mesmas circunstâncias.

Que sejam homens de verdade!

Boa sorte para todos.

OBRAS — Estamos a reparar o nosso balneário, que será dividido em três partes: para os mais pequenos, para os mais crescidos e a do meio só para quando houver jogos os atletas poderem tomar banho, com as dependências para a equipa visitante e para a visitada.

Como temos ainda o parque de jogos em obras, as equipas que dese-

jarem defrontar-se conosco aguardem mais um tempinho.

AGRO-PECUÁRIA — Já há muito tempo que não se falava da nossa agro-pecuária! Pois temos porcos, vacas leiteiras e vitelas. Matámos, há pouco tempo, uns porcos, mas já há mais porcas com crias. As nossas vacas leiteiras estão a dar mais leite. Nós vendemos algum e outro fica para a nossa Comunidade.

Acabámos de cortar todo o milho dos campos que são grandes e dão sempre algum trabalho. O milho é logo ceifado na máquina e depois ensilado para servir de alimento para o gado.

Estamos a *queimar* o nosso bagaço. Este ano, se Deus quiser, vamos ter muito mais aguardente do que o ano passado.

Também o nosso vinho está pronto a ser servido.

CATEQUESE — Temos Catequese, ensinada por algumas pessoas ligadas à nossa Casa.

Há vários grupos, consoante as idades. Pois nós temos Catequese e da-

## A Criança

É um rebento,  
Uma flor,  
Cresce com mil cuidados.  
Quando dá  
Os primeiros passos,  
Olha todos os pormenores...  
Chora,  
Ri,  
Engatinha pelo chão.  
É um anjo inocente  
Que tudo merece,  
E, por ela,  
Tudo devemos sacrificar!

Manuel Henriques

## Sou o POETA DOS SONHOS

Conta com as tuas possibilidades  
Frente às dificuldades.  
A vida está cheia de perigos  
(... por vezes certos amigos  
Não estão para se incomodarem.  
A grande diferença  
Está na fria indiferença.

Sou o poeta dos sonhos.  
Mas nos meus sonhos  
Há contos verdadeiros  
Do quotidiano derradeiro.

Conta as flores  
Do teu jardim interior.  
E oferece só as boas  
Às pessoas.  
Lembra-te que a simpatia  
Entre os adultos  
Origina alegria.  
E que as crianças  
Precisam de viver na bonança  
Para o futuro ser melhor  
Na paz e no amor.

Sou o poeta dos sonhos.  
Mas nos meus sonhos  
Há contos verdadeiros  
Do quotidiano derradeiro.

Manuel Amândio

mos Catequese porque temos cá muitos rapazes que nunca tiveram educação religiosa nas suas terras.

A Catequese não é só para ouvir falar do Senhor; é sim, também, para aprendermos a comunicar uns com os outros.

Quem sabe dar valor à Catequese, sabe o valor que Deus tem para a nossa vida presente e futura.

Assim, falaremos sempre melhor com Ele, em qualquer lado e a qualquer hora — sempre que nós quisermos.

Na Catequese aprendemos a conhecer Jesus e o motivo da Sua vinda ao Mundo.

Manuel Augusto («Chinês»)

## A VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

Eis a lista dos nossos distribuidores d'O GAIATO no Porto: O Ricardito percorre os Bancos, o Centro Regional de Segurança Social, a Caixa Geral de Depósitos; o Benjamim entra pela Alfândega, Palácio da Justiça, Polícia Judiciária, Bancos na Avenida dos Aliados e Câmara Municipal do Porto; o Faustino e o «Pinguim» vão à EFACEC, fábricas da Via-Norte e Avenida da Boavista; o «Rato» leva O GAIATO para os Bancos da Rua Sá da Bandeira, estação dos Correios da Avenida dos Aliados e Rua Alves da Veiga; o «Macieirinha» tem à sua conta entregar os jornais nos Bancos da Praça D. João I e na Companhia de Seguros Império. Levam uma média de 400 jornais cada um.

Fora da cidade do Porto, o João Paulo vai a Aveiro com 500 exemplares d'O GAIATO. O Paulo Neves leva 300 para a Póvoa de Varzim. O «Vila Real» é o nosso «embaixador» na cidade de Braga e passa, por lá, só 300 exemplares. O Paulo Virgílio distribui 300 em Espinho.

Além destes, que têm zona marcada, há outros que percorrem a cidade do Porto e vendem uma média de 130 exemplares por dia, nos fins-de-semana. Ao todo somos 18 distribuidores d'O GAIATO.

Para todos os Amigos que nos acoitem sempre, e em todo o lado, com muita amizade aqui vai um grande abraço de todos nós.

Rui Bento («Engenheiros»)

## Uma carta

«Aí vai um cheque para aplicarem no que acharem mais necessário para tantas carências que encontram todos os dias.

Como minha mãe — com 87 anos — e eu tivemos umas boas férias, queremos repartir aquilo que nos sobra com tantos que nada têm.

Durante muitos anos não saímos de casa porque não podíamos; hoje, que o podemos fazer, queremos ser gratas a Deus ajudando com esse pouco os que nada têm.

Assinante 28892»

# AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

peçoal e colectiva, que nos leve sempre à defesa da Verdade e da Justiça, num cariz abrangente dos Outros, sobretudo dos mais desfavorecidos.

Não é fácil o caminho anteriormente apontado, mas nem por isso deixa de ser o único pelo qual vale a pena dar a vida custe o que custar. Servir e não servir-se, denunciando as arbitrariedades, é, pois, para nós um compromisso para com Deus, os Homens e connosco. **Buscar as simpatias dos outros por eles mesmo, silenciando os atropelos e as injustiças ou desvarios dos homens, repugna-nos, mormente se estão em causa os direitos dos mais fracos ou sem voz.** Daí que nem sempre as nossas palavras possam agradar a gregos e a troianos, se bem que queiramos em todas as circunstâncias que se ressalve o vínculo unitivo que está no fundamento e no cerne do Evangelho: a Caridade, já que todos os Homens são nossos Irmãos, sejam quais forem, pensemos o que pensarem e ocupem as posições que ocuparem.

É certo que «O GAIATO não tem categoria para dar opiniões», como escreveu Pai Américo. Mas está à vista que a maioria das empresas estatais está longe de contribuir para o bem geral. De resto, todos sabemos como se zelam as coisas oficiais, sorvedouros do erário público e lugares apropriados para a instalação da «nomenclatura» reinante. Nacionalizar, e isto impõe sempre apropriadas indemnizações, só por si nada

adianta, porque não ocasiona dividendos sociais, antes pelo contrário, só gera algumas dúzias de privilegiados.

Criou-se, de há anos a esta parte, uma classe de gestores ou administradores, porventura nem sempre capazes ou competentes, que governam a seu belo prazer os chamados bens do Povo, sem que lhes sejam pedidas as responsabilidades atinentes aos seus actos, nem sempre comedidos e responsáveis, antes de autêntico esbanjamento daquilo que é de todos e não coutada própria. O mesmo se diria, em regra, da alta Administração do Estado e dos Organismos oficiais, para-estatais ou afins. Basta que se vejam, por exemplo, as remodelações de gabinetes ou outras obras, muitas delas sumptuosas, ao sabor de critérios muito discutíveis, sem qualquer sentido de parcimónia, dado que, gastar o que não é nosso nada custa. Veja-se, entre o que de muito se poderia citar, o que se passa com os veículos automóveis oficiais ou aparentados, civis ou militares. Muitos querem os «seus» carros e, não raro, passe a expressão, são frotas deles ao serviço dos familiares, em actividades nitidamente privadas. Que nos desculpem as pessoas conscientes, íntegras de carácter, que não estão em causa, claro.

O Estado e as Empresas Públicas vão adquirindo ou construindo edifícios grandiosos, mais ou menos por toda a parte. O dinheiro falta para a habitação social, e a isto nos

referiremos em breve, mas sobra para aquilo que não é prioritário. As viagens dos responsáveis multiplicam-se e todos nos falam do seu êxito para o bom nome do País e do bem-estar dos cidadãos. Entretanto, necessidades elementares, como hospitais, saneamento básico, escolas, cobertura médica e medicamentosa, entre outras, passam para segundo ou terceiro planos.

A Banca e as Companhias de Seguros foram nacionalizadas e dizem-nas do Povo. Mas já alguém viu outra coisa que não fôssem critérios nitidamente capitalistas na sua gestão? Já deram conta que os seus investimentos são pautados apenas por critérios de alta rentabilidade monetária? Porque não as interessadas, por exemplo, numa acção conjugada, a

alto nível, num plano de habitação social, nesta hora terrível como a que passa para quem pretende ter o seu lar? Ou será que se pretende resolver o problema com os «generosos» empréstimos fornecidos a quem pretende adquirir a sua casa?

Há inúmeras empresas públicas, técnica e economicamente falidas, a viver de balões de oxigénio dos empréstimos a baixo juro ou a fundo perdido do Estado. Será esta situação a mais consentânea com os interesses das populações ou será que o Estado, na filosofia dos Responsáveis, se deve transformar num gigantesco asilo ou sopa dos pobres? Perdoe-se-nos a ignorância, que não dizemos do macaco mas de alguém que sente e vive as dificuldades dos seus irmãos.

Realmente, **na experiência ensina que, sempre que o Estado chama a si a administração directa das Empresas, temos desastre à vista.** Acresce que os valores morais não estão pre-

sentes em muitos casos e daí a corrupção em larga escala, o nepotismo, o desinteresse e a instalação de muitos, em prejuízo da maioria. Vigora, por assim dizer, a lei da selva, o salve-se quem puder e o oportunismo mais capcioso. A desconfiança em relação às pessoas e às Instituições é norma corrente. Fala-se em «luvas» a propósito de tudo e de nada, sem receios de qualquer espécie e, à medida que a crise aumenta, aguça-se o apetite desenfreado de muita gente. Haja, pois, quem, com coragem e determinação, mude o rumo das coisas, que, qualquer dia, não sabemos onde iremos parar. Deixemo-nos de «slogans» mais ou menos gastos e sejamos realistas, que a pobreza ou mesmo a miséria existentes não se vencem com palavras ou meras promessas. Queremos continuar a ter esperança e a acreditar nos Valores e, por eles, nas pessoas.

Padre Luíz

## AS NOSSAS OFICINAS

Não modificamos o título que Pai Américo deu à seguinte nota — publicada no O GAIATO n.º 20 de 26 de Novembro de 1944 — página antológica, na qual evoca um Artista providencial — já na Vida Eterna também — que soube interpretar o seu pensamento na elaboração do projecto da nossa Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa: o arquitecto Teixeira Lopes.

Aqui fica uma justa lembrança — quarenta anos depois.

«De uma vez, entreguei nas mãos do arquitecto Teixeira Lopes um pensamento gizado em papel almaço, onde se continha o algerado de casas da Aldeia dos Rapazes, tais quais estão actualmente a nascer da terra, com a forma e linhas do Artista. Foi já um toque providencial, o haver escolhido aquele entre tantos.

— Ai! Tem graça! Desde que vi a fita «Homens de Amanhã», disse, sempre desejei trabalhar em uma obra assim.

Começaram a subir três casas de um lanço. Meses depois começa a quarta. A seguir é a vez do monumental depósito de abastecimento de águas.

Uma comissão de técnicos dos Monumentos Nacionais vem observar o que está feito e informa oficialmente: — É uma obra de consciência.

Sobe a capela. Sobe a enfermaria.

Dentro do meu peito formase e cresce um não sei quê misterioso que resiste à dúvida dos recursos, à incerteza da hora, ao fiasco de não achar graça diante dos homens.

É uma esperança contra toda a esperança, fruto de uma adoração perene. É o argumento seguro das coisas que se não

vêm nem se compreendem, para darmos a definição que o Apóstolo deu à fé, a única que lima todas as arestas e faz deslocar os montes, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda.

Agora, temos o edifício das oficinas. Este consta de dois pisos, sendo o primeiro de três salas de 13m por 6m para as artes pesadas e o segundo, de quatro divisões, para as artes ligeiras, com os aposentos dos mestres.

Amigos generosos da Obra da Rua têm-me indicado alguns nomes da cidade do Porto, aonde bater e pedir. Eu aceito e agradeço o alvitre, mas nem por isso gosto de correr atrás de canas de foguetes. São ocas. Antes quero esperar a hora de Deus. E assim é que, na manhã do dia de Finados, eu passava à porta de um dos indignados senhores. Estava o carro, sinal de que estava ele. Não entrel. Fazia sol. As ruas regurgitavam deromeiros aos cemitérios, com novelos de flores. Quantos destes não hão-de morrer de espanto na Eternidade, por não encontrarem os seus que a morte separou!

Andei na Invicta todo o dia, a fazer horas para o recado na Rádio Renascença. Noite dentro, depois de ter falado, alguém convida para eu ir a sua casa. Fui. Era dentro de um jardim, uma casa modesta. Falámos. Não tenho na mão a promessa definitiva. Mas, que-me parece que as oficinas da Casa do Galato estão naquela casa.»

O actual edifício das oficinas — primitivamente destinado a quantas existiam em nossa Aldeia — com a natural evolução dos tempos e a expansão

d'O GAIATO e da Editorial, passou depois a ser inteiramente ocupado pelo sector gráfico e administração do jornal. Recurso, aliás, que nunca satisfiz integralmente, tanto na sua função pedagógica como na implantação racional do parque gráfico.

Solução: O prédio poderia ser agora adaptado — com mais eficiência — para a instalação do Ensino Básico da nossa Comunidade e, em local apropriado, subiria outrô, de raiz, para a tipografia e O GAIATO, enquadrado nas «linhas do Artista» que no estirador riscou a nossa Aldeia — segundo o pensamento de Pai Américo.

Se Deus quer — e é precisa — a obra nasce... Pois seja mais uma luz acesa no Centenário do nascimento de Pai Américo — que não tarda!

E enquanto se proceder ao estudo e realização deste vultoso empreendimento, que melhor pista e Oração do que a legada por Pai Américo? Naquele tempo, fruto de meditações entre recados transmitidos na Rádio Renascença (e nos Emissores do Norte Reunidos), do Porto — que acompanhámos pessoalmente, d'alma cheia; qual anúncio da Boa Nova para milhares de ouvintes, que brotava do seu peito em braza, à maneira do «vimos o Senhor!» — na expressão dos companheiros de Emaús — servindo, ainda, nessa ocasião, de notícia da nossa instalação em Paço de Sousa.

É verdade, Padre Telmo: Temos de revelar o Bem — como Pai Américo fez e faz. O resto não é connosco. É com Deus. E se Ele quer, a obra nasce — em proveito dos nossos Rapazes!

Júlio Mendes

## Partilhando

Daqui a dois dias é o aniversário do Lito — o mais pequenino dos «Batatinhas». É sempre uma festa quando, nesse dia, à hora do jantar, ele se levanta da mesa e percorre o refectório a oferecer-nos o prato dos bolos e das bolachas e a receber os parabéns. As palmas saem com gritos de alegria.

É o mais pequenino de todos! Desde os dois anos e meio que perdeu o lugar na sua pequena e atribulada família, retornada de Angola. E aqui vão fazer quatro anos que o seu lugar de «Batatinha» mais novo é ainda sagrado. Vive feliz e seguro no encontro do carinho de todos. D. Sofia — que o tem cuidado e está a seu lado nas vinte e quatro horas do dia — disse-me que o Lito lhe tem segredado que gosta muito de rabanadas. Por isso, como doce típico de Natal, não pode faltar também neste importante aniversário.

Um dia, à entrada da sala dos cicerones, vi um senhor a acariciar o Lito, de uma manei-

ra especial. Perguntei e disseram-me que era o pai. Estranhei a presença, após a ausência de anos e o abandono dos filhos. E disse-lhe que não era assim, dessa maneira falsa e transitória, que a sua imagem de pai seria positiva para ele; que todos sabiam a mentira, a confusão, misturadas com rebugados e beijos no meio de um presente cheio de abandono; que devia, sim, assumir a responsabilidade de pai doutra maneira.

Que sim senhor, que eu tinha razão — respondeu ele — com dúvidas e sem coragem de mudança.

São assim os pais de muitos dos nossos Litos! Aparecem e desaparecem sem dever... Depois, os filhos, aqui, respondem assim: — Não, não; a minha Casa é esta!

Pois claro! O Lito diz que as nossas rabanadas são a coisa melhor do Mundo. Ele é que sabe...!

Padre Moura

# TRIBUNA DE COIMBRA

Em cada dia que começa e em cada dia que termina os os nossos lábios, o nosso coração, todo o nosso ser têm obrigação de proclamar os dons do Senhor. E eles são tantos!...

Outro dia ouvi alguém dizer que na sua vida tinha mais mal do que bem. Sorri-me de espanto. Perguntei o que tinha feito de mal naquele dia. Nada! Perguntei o que tinha feito de bem. Muitas coisas! Na balança o prato do bom estava de vantagem. Que seja assim com todos.

No nosso dar contas do que nos vai chegando, brota espontâneo o nosso louvor. Primeiro — louvor ao Senhor que é o princípio de todo o bem. Depois — louvor a todos aqueles que abrem o coração e as mãos.

A senhora dum restaurante, que mais uma vez nos chamou pelo telefone, reparte conosco a sua humildade, a sua fé e confiança em Deus e o fruto do seu trabalho. Um Amigo de Coimbra quis oferecer tudo o que lhe coube da sua colaboração para a última **Queima das Fitas**. Senhora discreta que veio entregar... para castanhas. Médico vizinho: «Tome lá para os meninos». Mais um médico com um cheque. Outro médico,

por vale do correio. De Lagos, um devoto de S. José. Senhora, de Coimbra, sempre amiga, a recordar o filho que partiu há três anos. Um «Tome para a viagem», dum dos nossos e seus sogros, no Porto, depois de dois dias de mimos. Família de Miranda do Corvo juntou-se na nossa Capela e ofereceu vinte contos pelos seus mortos. Oferta em Eucaristia.

Veio outra vez a «Amiguinha da Pereira»; o Amigo de Pereira do Campo tem sido certo; o Manuel, de Lisboa, é sempre pontual; a Amiga de Vilar Formoso vem todos os meses; uma doente que fui visitar tinha cheque de cinquenta à espera e outras coisas caseiras; peixe na Gafanha. Sabe-nos tão bem este peixinho congelado a sair dos barcos! Cheque da Guarda; cheque de Lisboa; cheque da Mealhada; cheque da Lourinhã, de Amiga que saboreia os nossos livros; cheque de Cebolais; vale de cinquenta, de Santarém; cheque de quarenta, de Casais; cheque de vinte e cinco, da Figueira da Foz; vale de Condeixa; dez de Amigo da Covilhã; Amiga da Lousã; vale de Soure; cheque de Queluz.

Já há muito que não ia à Casa do Castelo. Há dias, ao

entrar, a Maria Tereza mostrou-se muito admirada e exclamou:

— Então já não precisa das ofertas que me vêm entregar!?

E sorriu ao entregar-me uma pasta de envelopes. Os embrulhos vai distribuindo alguns pelas necessidades que lhe aparecem. É tão bom sentirmos esta amizade e confiança!

Se fosse possível abriria aqui uma coluna para registrar ofertas de sacerdotes. Se há ofertas saborosas, as dos sacerdotes são perfume de incenso, fruto de lume de brasas acesas. Cinqüenta dum que foi companheiro de Pai Américo e a amizade não secou. Dez de outro, da Serra, que há muito reparte o fruto do seu trabalho e pega

fogo aos paroquianos. Outro com outros dez. Mais um com mil. Mais duas notas de outro. Cheque da Amadora. Amigos que aparecem muitas vezes. Cinco mil e quinhentos de José, de Castelo Branco; cheque de Anadia; Amigo de Arganil; cheque de Engenheiro, de Coimbra; vale de Campo de Besteiros; parte do primeiro ordenado, de Arganil; cheque da Sertã; uma dúzia de contos de Portugueses na Alemanha; visitantes da Lousã; visitantes de Cantanhede; Escola Primária de Fêbres com mais uma oferta; cheque de Oliveira do Hospital; 570\$ da Mealhada; cheque e medicamentos, em Monte Real; mais cinco da mesma terra; duas mãos em S. Pedro de Moel; mil, mais duzentos, mais peixe na Nazaré; carne da Boavista, Leiria. Nazaré e Boavista adubam muitas vezes a nossa panela.

Mãos na minha mão, na

Praia de Mira; cheque anual que casal de Vizela não esquece; mão estendida de mirandense que veio uns dias do Brasil; mil em casamento; dois mil pelos pais; partilha da Conferência Vicentina de Eiras; as senhoras de Miranda do Corvo com suas ofertas; família de Coimbra; dez e a visita dum dos nossos com a família; cheques e vales anónimos, de Coimbra; entregas aos vendedores de O GAIATO; vale de Leiria; senhora de Serpins; cartas pelo correio; trinta da Iris e tudo o que lá vamos buscar. Vinte mais tudo o que muito discretamente vão levar ao nosso Lar de Coimbra. Reza comigo ao Senhor a oração desta noite:

«Obrigado pelo muito que neste dia nos deste. E perdoados o pouco que de nós Tu recebeste.»

Padre Horácio

## Setúbal

● O Daniel baptizou, há dias, a sua primeira filhinha. Fez uma festa de que eu participei com mais elementos desta Casa. No fim do almoço serviu-me uma sobremesa deliciosa!...  
— Venha daí comigo.  
— Fazer o quê?!  
— Venha daí!...

Os olhos do rapaz abriam-se regaladamente como quem deseja desvendar um segredo. Levou-me a casa (se é que se pode chamar casa), a um cubículo de duas divisões sem portas interiores, encastado num prédio da cidade velha, onde uma velhinha cega, de oitenta e tal anos, vive com seu filho diminuído mental, sem visitas de ninguém e uma irrisória reforma.

O carinho do Daniel com aquela senhora e a reciprocidade afectiva repentinamente evidenciada encheram-me o coração!

Apertando efusivamente a mão do seu amigo, aquela nossa irmã confidenciou-me, cheia de alegria e gratidão, que o Daniel repartia com ela os alimentos, que a esposa dele lavava e passava a ferro a roupa dela e de seu filho e... que eram a sua família!

Em parte nenhuma do Mundo há quadros desta riqueza!

Morando, agora, a quatro quilómetros de distância, o Daniel não deixa de visitar, quase diariamente, a sua amiga e de partilhar as suas alegrias, carregando, cheio de consolação, as amarguras dela!

Por esta magnífica sobremesa, valeu a pena ter criado o Daniel e sofrer com ele o que sofremos.

A sua filha encerra mais beleza que as flores de todos os jardins! Um dia cantará, diante do Mundo, a vitória que esta Obra realizou no coração do seu pai.

Se eu contasse a tragédia onde este meu filho foi gerado e sobreviveu até aos três anos, compreenderias melhor a minha exultação.

● A crise bateu-nos à porta, em chelo!

Não são somente os grupos de mulheres, crianças e alguns homens que, diariamente, vêm até nós mendigar comida e que não somos capazes de despedir com as alcofas vazias; é sobretudo o estaque quase completo de donativos em vale, cheque ou dinheiro que o correio deixou de trazer!

Não te preocupes tanto com o brinquedo dos teus filhos ou netos para o Natal que se avi-

Por Padre Acílio

zinha! Levanta os teus olhos! Vê mais longe!

Conheço tantos quartos de crianças, atravancados de caros brinquedos e requintadas bonecas que, em vez de ajudarem, só estragam a personalidade crescente dos seus possuidores — deixando-lhes o coração vazio! Ensina-os, antes, a repartir — repartindo tu com os mais pobres!

## Os livros de Pai Américo — são prenda de NATAL

Já próximos do Natal, cresce o número de leitores que resolvem oferecer aos seus amigos — de prenda natalícia — um livro ou livros de Pai Américo que são testemunhos de Paz, anúncio da Mensagem do Presépio, motivados nos presépios que topava como Recoveiro dos Pobres.

Uma lisboeta diz que as obras de Pai Américo são «uma leitura maravilhosa porque me ajudam a descobrir o meu egoísmo, a encontrar a Paz» que gera inquietação — e transmite aos Outros.

«As fatias daquele pão — do Pão dos Pobres — são incómodas para quem se encontra instalado na vida. Mas é mesmo por isso que elas foram editadas. Não é assim?» — interroga, por fim, o assinante 2817, de Faro.

Perdemo-nos entre a correspondência que repousa na mesa de trabalho!...

Ouçamos o assinante 30904, de Santarém:

«Vou saboreando o Pão dos Pobres aos poucos — para durar mais tempo. Faz-me lembrar uma das minhas filhas, hoje médica graças a Deus, que quando pequenina comia um bolo devagarinho e ao perguntar-lhe porquê dizia que era para «recordar». Assim me sucede com tudo o que leio do santo Padre Américo.»

A laia de esclarecimento para centenas de novos assinantes

que ora principiam a tomar gosto pelo O GAIATO, pela Obra da Rua, aí vai a colecção de livros que Pai Américo nos legou — alguns já em 3.ª e 4.ª edições — para ser mais fácil a escolha:

**Pão dos Pobres** (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª volumes), crónicas publicadas no **Correio de Coimbra, A Ordem e O GAIATO**;

**Obra da Rua**, história da sua acção de 1932 a 1945;

**Isto é a Casa do Galato** (1.ª e 2.ª volumes), artigos saídos no O GAIATO sob o mesmo título, com «factos, figuras, acontecimentos, descrições cuja beleza define o estilo pessoalíssimo do Autor»;

**O Barredo**, crónicas publicadas em O GAIATO, que «são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos assuntos referidos no **Pão dos Pobres**»;

**O Ovo do Colombo** historia como e porquê desabrochou o Património dos Pobres;

**Viagens**, notas de reportagem do Brasil, Açores, África e Madeira;

**Doutrina** (1.ª, 2.ª e 3.ª volumes), colectânea de artigos inseridos no O GAIATO sob a mesma epígrafe, ou de conteúdo doutrinal.

Podem fazer os seus pedidos à **Editorial da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.**

Júlio Mendes

## Cantinho dos Rapazes

Cont. da 1.ª pág

cance. Por isso, que cada um aproveite as oportunidades que, ainda assim, temos tido e temos nas nossas Escolas e Oficinas, para uma preparação honesta, sem pressas demasiadas nem desperdício de tempo.

Ultimamente temo-nos visto cercados pelas aflições de vários rapazes a braços com o desemprego. Porém, em quase todas estas situações dolorosas nos encontramos com gente tomada pela febre de viver, que quis conquistar posição no mundo do trabalho sem o necessário amadurecimento humano e profissional.

A época é de crise, é certo. Tanto mais razão para nos es-

timularmos a vencê-la, por uma preparação séria, por uma competência maior, a qual, mais dia menos dia, sempre há-de proporcionar àquele que assim faz, o seu lugar ao sol.

Apesar das dificuldades de momento — que havemos de ultrapassar mais pelo esforço decidido do Povo do que pela providência do Estado — ainda não deixei de pensar, quer no âmbito do nosso País, quer na nossa grande família, que, muitas vezes, é mais difícil arranjar um rapaz para um emprego, do que um emprego para um rapaz — se ele for de carácter são, instruído e competente.

Padre Carlos



# Gaiato

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285  
Comp. e Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Novembro: 54.090 exemplares.